

O mundo novo da língua no itinerário de Vilém Flusser¹

The new world of the language in Vilém Flusser's itinerary

Joaquim Domingues (Instituto de Filosofia Luso-Brasileira – Lisboa - Portugal)

jjsdomingues@gmail.com

Gratias tibi ago, Domine, vidi rem novam²

Resumo: Neste artigo, redigido inicialmente como comunicação, examinamos o itinerário intelectual de Vilém Flusser. Dele destacamos a descoberta da Língua Portuguesa, que se tornou a ocasião para a proposição de um vínculo estruturante entre a linguagem e a realidade. Para ele, a língua funciona como uma luz cujo foco revela o real. Num mundo de tantas línguas e com uma modernidade que perdeu as referências estáveis da Idade Média, ele propõe viver a transitoriedade da existência passando por várias línguas.

Palavras-Chave: Língua; Realidade; Filosofia; Possibilidade; Cultura.

Abstract: In this article, written at first as a presentation, we examine the intellectual itinerary of Vilém Flusser. Our emphasis is on the Portuguese language discovery. This discovery became a good occasion to link language and reality. In his point of view, language is a light that shows us the “real”. In a world so many different languages and a modernity that lose the stable references of the middle age, he proposes a us to live the existence transitoriness.

Key words: Language; Reality; Philosophy; Possibility; Culture.

1. Considerações iniciais

Homenagear alguém supõe atribuir-lhe maior ou menor grau de excepcionalidade, sem embargo do quanto as exceções sempre ficam a dever à regra comum, da qual se destacam para, a seu tempo, a reintegrarem, enriquecendo-a. Assim aconteceu com Vilém Flusser, lançado para fora da Europa central, num movimento centrífugo que o fez rumar ao Brasil, destino improvável para o estudante da universidade Carolina de Praga, para dali regressar na matura idade ao centro europeu, num impulso centrípeto que nem o acidente fatal logrou travar. A regra, que se tem mantido firme, verifica-se no fato de o retorno ter

¹ Texto Redigido para o colóquio que decorreu nos dias 3 e 4 de Maio de 2010 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, este texto reflete sobre as repercussões na evolução do pensamento de Vilém Flusser da descoberta das virtualidades da língua portuguesa, por ocasião da sua estadia no Brasil.

² Epígrafe do artigo Da língua portuguesa. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, Out.-Dez. 1960, p. 560.

passado ao largo de Portugal, onde pouco interesse tem despertado uma obra que, apesar de muito nos dizer, só recentemente começou a ser atendida.

Congratulo-me, pois, pela realização de um encontro que dá ensejo a inscrever o seu nome no horizonte da nossa reflexão, em termos que espero duradouros e fecundos. Aliás, se alguma desculpa quiséssemos alegar, poderíamos invocar o exemplo do Brasil, onde são manifestas as reticências perante quem mais merece o qualificativo de filósofo brasileiro do que vários outros, aos quais o atributo advém por acidente legal ou natural, mas não pela feição característica do pensamento. Vilém Flusser, além de ter obtido a nacionalidade brasileira, ter vivido a mais longa fase da vida e pensado o essencial da obra no Brasil, foi porventura um dos que melhor atentou nas virtualidades especulativas da sua língua, no âmbito do sistema de valores culturais de uma sociedade na qual, no entanto, nunca se integrou de todo.

2. Levantamento bibliográfico da obra de Flusser no pensamento brasileiro

Não obstante o vivo diálogo que manteve com notáveis personalidades brasileiras, justificando a sua inclusão na escola de São Paulo pelo Dr. António Braz Teixeira, ele tem aparecido, sobretudo, como o representante de um pensar de fora parte. É o que leio, por exemplo, no volume *Vilém Flusser no Brasil* (Rio de Janeiro, 1999), onde se sublinha de preferência o que o judeu imigrado levou consigo dos meios cultos europeus; à laia da celebração de outros viajantes, aventureiros ou refugiados que as circunstâncias fizeram aportar ao novo continente, como o simpático memorial em tempos dedicado a *Bernanos no Brasil* (Petrópolis, 1968). O mesmo se diga do prefácio de Celso Lafer ao volume *A Dúvida*, embora neste caso se compreenda que na sua memória tenha prevalecido a marca deixada na adolescência e juventude pelo encontro com alguém que se distinguia tanto pela aguda inteligência como pelas singulares atitudes.

Ainda assim surpreende que o seu nome nem sequer conste no índice onomástico da *História da Filosofia no Brasil*, de António Paim (pelo menos na 4.^a ed., de 1987, que conheço), conquanto apareça o respectivo verbete no *Dicionário Bibliográfico de Autores Brasileiros*, volume atinente à Filosofia, Pensamento Político, Sociologia e Antropologia, organizado pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro e editado pelo Senado

Federal Brasileiro em 1999. O mesmo ano em que António Joaquim Severino publicou o minucioso levantamento sobre *A Filosofia Contemporânea no Brasil*, onde é mencionado apenas na bibliografia, por sinal através do depoimento prestado em 1969 ao P.^o Estanislau Ladusans e incluído em 1976 no tomo sobre os *Rumos da Filosofia Actual no Brasil em auto-retratos*. Sendo que já em 1967 Luís Washington Vita considerasse o «pensamento flusseriano», com o de Vicente Ferreira da Silva, representativos da perspectiva existencialista no contexto das *Tendências do Pensamento Estético Contemporâneo no Brasil*.

A menção destes títulos, para ilustrar o que me parece a atitude reticente quanto à inserção do filósofo na cultura brasileira, de modo algum esgota uma bibliografia que tem crescido significativamente, com destaque para os contributos do Prof. Gustavo Bernardo Krause, com quem tenho a honra de me encontrar aqui. Vale porém a pena acrescentar mais uma referência, ao lúcido e corajoso Prof. Miguel Reale, que me poupa a hesitações ao sustentar – no apêndice já da enciclopédia *Logos* (vol. 5, Lisboa/São Paulo, 1992, col. 884) – que «A fecunda conexão intelectual entre Vilém Flusser e Vicente Ferreira da Silva foi de enorme valor para o desenvolvimento de uma autêntica filosofia brasileira, embora inspirada pela cultura filosófica germânica.» Não saberia eu dizer melhor a conclusão a que chegara ao ler *Língua e Realidade*, bem como a sua autobiografia, razão pela qual ousei aceitar o convite, que muito agradeço, para me associar a esta evocação da sua obra e pensamento.

3. Língua e realidade

Cumpr-me, no entanto, esclarecer que, visto o tema da língua no pensamento de Vilém Flusser ter sido tratado, num texto modelar, pelo Dr. António Braz Teixeira, me limitarei a algumas reflexões marginais, para as quais peço a melhor benevolência. Foi, com efeito, por sugestão de quem encarece o «comovente ensaio de amoroso e apaixonado louvor da língua portuguesa e da ontologia que leva implícita» (António Braz Teixeira, *A Experiência Reflexiva. Estudos sobre o pensamento luso-brasileiro*, Sintra, 2009, p. 169) que me interessei por essa vertente da sua obra, já que a outra, acerca de alguns tópicos da modernidade e pós-modernidade, se me tem afigurado de bem menor alcance. E se entre

uma e a outra julgo haver uma íntima conexão, ela decorre, creio, não do conseqüente desenvolvimento do caminho que encetara, mas de um desvio, se não mesmo de um recuo, cujas causas valeria a pena indagar.

O fato de o seu primeiro livro dado a público (apesar de não ser, ao que ele diz, o primeiro escrito) ter sido *Língua e Realidade*, assim como versar sobre a língua portuguesa, a estreia na *Revista Brasileira de Filosofia*, pouco depois seguida do ensaio de ontologia da linguagem que constituiu o embrião daquele livro, me parece muito significativo, sobretudo da parte de alguém habituado a controlar as mais espontâneas manifestações da vida interior. O que se apura desses textos é que, no complexo, arrastado e penoso processo de adaptação à realidade brasileira, houve um momento imprevisto em que o filósofo, cuja relação matricial à cultura germânica nunca sofreu interrupção assinalável, foi interpelado em termos para os quais a sua formação o não tinha preparado. Malgrado a superioridade intelectual de que tinha consciência, fora levado a reconhecer que a língua (e a correlativa mundividência) daquele povo, que até então olhara de cima e de longe, se não adequava às categorias que tinha como universais e mostrava mesmo virtualidades superiores às que opulentam a literatura germânica dos dois últimos séculos.

Compreende-se, por isso, o recurso à retórica amorosa para confessar uma derrota que, em compensação, redundava no precioso ganho de um tesouro que permanecera escondido, tanto para os requintados sábios do velho mundo quanto para os inocentes homens do novo. Por sorte, ao decidir-se a explorar o filão, encontrou alguns intelectuais de exceção, entre os quais Vicente Ferreira da Silva, Guimarães Rosa e Miguel Reale, que o confirmaram no acerto da descoberta. Creio, porém, que mesmo com eles não terá sido fácil o diálogo neste ponto, já que, a bem ver, todos mais ou menos tributários do prestígio das culturas europeias e norte-americanas, nenhum o acompanhou sem reservas.

Tenho dificuldade em distinguir o que há de autêntico e de inautêntico nos textos de Flusser, onde a tendência para brilhar e uma retórica por demais retorcida, para já não falar nos lances de erudição excessiva, sugerem que a insistência no tópico da autenticidade algo tenha de autocrítica. Vem isto a propósito da epígrafe latina – *Gratias tibi ago, Domine, vidi rem novam* – do primeiro artigo na *Revista Brasileira de Filosofia*, que se diria parafrasear um trecho do Novo Testamento; algo insólito num judeu sem crença religiosa,

mas muito expressivo naquele contexto. Ele sublinha o que teria sido o momento alto do seu percurso espiritual, abrindo horizontes inesperados a quem se alimentava de Schopenhauer, Nietzsche, Heidegger e quejandos mestres do pensamento germânico, ao qual se filiara desde Praga.

A *coisa nova* que no Brasil se lhe revelou foi a língua, não tomada em si, separada ou abstraída de quanto nela conflui e dela emana, como luz que tudo ilumina em torno, como foco luminoso que, porque faz ver, se chega a tornar invisível ao olhar comum. Por isso, o modo como a considera, recorrendo a uma fenomenologia que se afasta dos rigores metódicos de Husserl, remete antes para as virtualidades a explorar ainda, tais as que o *mineiro* Guimarães Rosa perseguia na sua literatura, visando dar expressão ao que Teixeira de Pascoaes chamou, entre nós, o gênio do povo. Bem como o *paulista* Vicente Ferreira da Silva que, se outros foram os seus caminhos e embaraços, no mesmo fito se movia; pelo que Miguel Reale haveria de atribuir tão decisiva importância à mútua conexão *para o desenvolvimento de uma autêntica filosofia brasileira*.

Na verdade, se não podemos pensar fora da língua (mesmo admitindo o amplo conceito de que Flusser usa) e se não há equivalência entre as línguas, cujo grau de traduzibilidade é assaz variável, como negar o corolário de um distinto modo de pensar, próprio de cada cultura? Assim como o de que todos os demais aspectos da vida social se hão de diversificar também, numa paleta tanto mais variada quanto maiores forem as diferenças entre as formas de entender o homem e o mundo, bem como o que está para além do homem e do mundo?! De onde se segue que, embora seja legítimo graduar as diferenças, preferindo uma língua a outra, uma forma a outra, tanto como enriquecer umas com as outras, só por cegueira se pode pretender reduzi-las a um molde único, submeter a infinda variedade dos modos da convivência humana a um modelo cultural único.

Seria estranhável que neste ponto não fizesse uma referência, brevíssima embora, ao fato de o tema ter sido objeto de acesa discussão entre nós, a partir da publicação em 1943 de *O Problema da Filosofia Portuguesa*, de Álvaro Ribeiro, a qual prosseguiu no decênio de cinquenta, com remissão para autores e obras antecedentes, em especial Bruno, Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes. Que Vilém Flusser tivesse passado à margem dessa polêmica não surpreende, ainda que não estivessem tão rarefeitas como por vezes se

diz as relações entre os dois países, nem os homens com quem ele dialogava ignorassem de todo o estado da questão em Portugal. O foco das atenções continuava, porém, apontado para a Europa central e o norte da América, pelo que tudo se passou como se o culto imigrante mal soubesse da relação matricial da realidade brasileira com a portuguesa.

4. A demarcação ontológica da Língua

A verdade é que, não obstante a prometedor descoberta que fizera, Vilém Flusser, em vez de correr a aventura que se lhe proporcionava, preferiu recuar para o reduto bem seu conhecido, simbolizado na ponte de D. Carlos, suspensa entre as duas margens do rio que divide Praga, tal como ele, suspenso entre os Checos e os Alemães, nem checo nem alemão. Evitando optar, até mesmo pela tradição judaica, para a qual parece sempre ter olhado não como fator de identidade, mas de diferenciação, preferiu acrescentar o número das línguas entre as quais se exercitara a traduzir, como se a multiplicidade alguma vez fosse ou pudesse ser o caminho da universalidade ou para a unidade. E se é certo que assim mais se aproximou da condição geral de um Ocidente em processo de rápida desagregação civilizacional, com a qual tem contaminado tudo com que se relaciona, e por isso ganhou o direito a ser reconhecido como pensador representativo deste tempo de crise, para tanto dilapidou, a meu ver, o melhor do tesouro que encontrara.

No inebriamento da primeira hora, ao notar o *perfume* que recende da língua, da portuguesa em particular, tenta surpreendê-la, diz, «tal qual se derrama no centro do meu eu. Desta forma descobrirei esse perfume dentro de mim, descobrirei a minha ‘portuguezidade’. Verificarei que tudo o que penso, quando penso em português, está impregnado dessa portuguezidade.» (Ensaio para um estudo do significado ontológico da língua, *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, Jan.-Mar. 1962, p. 84)

Se me não engano, porém, apesar de ter compreendido que há uma diferença essencial entre pensar em português e em checo, Vilém Flusser continuou a pensar em alemão, apenas agravando o pessimismo de raiz, ou seja, o de um humanismo cindido da natureza e do sobrenatural. Se, indo para além do enamoramento inicial, tivesse ousado adentrar-se no que chama de ontologia da língua portuguesa, frequentando a sua expressão mais autêntica, na voz do povo e dos poetas mais altos, decerto acabaria por romper com os

preconceitos de uma formação que, paradoxalmente, tanto lhe negara as amarras com a terra como com o céu. Paradoxalmente, digo, porque se há linha de força constitutiva do judaísmo é sem dúvida a que, por via do Deus de Israel, o liga à terra prometida.

Jogando constantemente entre a metáfora e o discurso racional, quem admite ver na arte uma linguagem e considera irresolúvel o problema da origem das línguas, não atenta em que, para o português, a natureza fala com uma eloquência tal que só se compreende por nela ecoar a voz do Criador. Por isso não vê uma distância impossível de percorrer entre o humano, o natural e o sobre-humano, cujos laços, de origem, principiais, remetem sempre para o mesmo foco, intemporal e transcendente, sim, mas em verdade não de todo absoluto, porque providencial e, mais do que isso, redentorista. Aliás, estaria bem perto de o admitir quem reconhece a dimensão criativa e até mágica da linguagem, colocando a oração no topo da sua hierarquia, tangente com o inefável.

Suspensio sobre o rio do tempo, arvorando como destino o que não passava de uma condição passageira, por muito prolongada que fosse já à data, Vilém Flusser recusou pôr os pés em terra e proclamou-se desterrado, como se essa fosse a palavra-chave da conversa que preferiu manter com outros que tais desterrados. Se autenticamente tivesse deixado falar a língua portuguesa, qual bálsamo maravilhoso que se derramara no centro do seu ser, em breve descobriria que a oração humana apela à audição divina; que a fala só é dada a quem ouve, ou seja, que a palavra humana depende do Verbo criador, do qual recebe a virtude que, como Leonardo Coimbra bem viu ao teorizar o criacionismo, mantém ainda e, por isso, pode e deve assumir. Não sei pensar em alemão, mas a crer no que ele assevera ao dizer que a filosofia de Kant é «essencialmente uma filosofia da língua alemã» (*Revista Brasileira de Filosofia*, artigo citado, p. 76), admito que, espartilhado entre a razão teórica e a razão prática, o judeu checo de formação germânica mal tivesse intuído a verdadeira natureza da razão poética, que amiúde confunde à do jogo.

É curioso que ao analisar a noção de *poder* (*Língua e Realidade*, 3.^a ed., São Paulo, 2007, p. 121) mostre desconhecer que o termo remete para algo de que o português espontaneamente se demarca, porque ameaçador, de outrem, deles... Se tivesse preferido a noção de *potência* ou, antes, de *possibilidade*, melhor compreenderia a atitude espiritual que, mediante o curso do tempo e o concurso do alto, oferece a chave que abre todas as

portas a quem nunca perde a esperança. Uma espera ativa, que remove céus e terra, sem nunca desesperar; pelo que é exatamente o inverso do que ele supõe ser a «tendência da língua na direção do fatalismo», mas antes justifica a convicção inabalável de que *Quem espera sempre alcança*.

5. Considerações finais

Ajuizar a obra e o pensamento de um homem que, sobre ter vivido em condições tão especiais, muito diferentes das que experimentei e conheço, era dotado de qualidades invulgares e deixou um rasto de apreço que vai crescendo com o passar dos anos, só pode entender-se como esforço que, tanto ao levantar objeções e reservas como ao destacar acertos e virtudes, não pretende enunciar um juízo final, mas apenas corresponder ao seu desafio para o diálogo. Tal como valorizo positivamente a generalidade dos argumentos com que sublinha a relação entre o pensamento e a linguagem e, portanto, dá ao filosofar uma radicação cujas implicações raras vezes têm sido atendidas, também me vejo na contingência de confessar a discordância ou pelo menos a incompreensão de outros aspectos do seu pensamento. E me atrevo a sustentar ter ele caído em incoerências que, apesar de atribuíveis talvez à índole que os testemunhos lhe apontam quando destacam o seu gosto pela provocação, pelo paradoxo e por certas formas de ficção, julgo exigirem ponderação.

Assim me parece assaz estranhável que, não obstante as observações acerca da natureza das línguas que, formando sistemas ou cosmos onde todos os elementos estão em correlação dinâmica, não têm real equivalência entre si, de modo que passar de uma língua para outra equivale a saltar para um outro mundo, tenha Flusser defendido e praticado a tradução como o método mais conforme a essa concepção. Ainda que não as separe tão radicalmente, em especial as da mesma família, julgo evidente que o conhecimento de outras línguas e literaturas constitui um fator de enriquecimento e, nos melhores casos, uma tradução vale como autêntica recriação, a integrar no acervo do nosso patrimônio espiritual. Ninguém ignora que uma das melhores parcelas da nossa literatura clássica se desenvolveu por essa via, sem desdouro para Luís de Camões, Frei Luís de Sousa, o Padre Manuel Bernardes e tantos outros dos nossos primaciais escritores.

Enquanto permite alargar, elevar, apurar o modo como entendemos o homem e o mundo, bem como tudo quanto os ultrapassa, o conhecimento de outras línguas, literaturas e formas de pensar há de considerar-se altamente valioso. Do mesmo passo que nos serve, favorece o universal, que se realiza necessariamente por via do singular e do particular, quero dizer, por via das pessoas inseridas no meio que as forma e elas conformam. Vilém Flusser, porém, generalizando a crise dos valores culturais característica da modernidade, que implica a perda de qualquer referência estável para lá das circunstâncias do tempo e do lugar, propõe como solução o assumir essa transitoriedade através do vaguear entre o maior número possível de línguas, sem privilegiar qualquer uma delas.

Se as condições efetivas da sua formação, as contingências históricas e sociais, de algum modo lhe impuseram a necessidade dum permanente esforço para dominar e usar diversas línguas, estou em crer que o problema de fundo com que ele se deparou foi outro, ou seja, resultou de ter sido educado num meio onde nem a língua nem a religião hebraica vigoravam já, não obstante, do ponto de vista social, os judeus se considerassem e fossem tidos como grupo à parte. Essa terá sido a verdadeira razão que o levou, após ter entrevisto a possibilidade duma integração bem sucedida na sociedade brasileira, a rumar para a Europa, fugindo literalmente, como ele mesmo reconhece, a uma possibilidade que se lhe afigurava limitadora. Contexto no qual se compreende a redução de todas as línguas, que é o mesmo que dizer, todas as culturas, todas as mundividências, a simples elementos, sem possibilidade de hierarquização, de uma teia de contornos indefinidos, lançada sobre o nada; sem mais valor, nem melhor significado que os de qualquer boa ficção.

Prescindindo de um juízo ético, parece-me inegável o efeito dissolvente que uma tal perspectiva necessariamente exercerá sobre qualquer estrutura social organizada em torno de um conjunto de valores, normas e práticas características; como se, quem tanto encarecera as virtudes identitárias da língua, como força dinâmica de assunção da realidade, se tivesse esforçado por lhe encontrar o antídoto mais eficaz. Decerto se pode observar que, afinal, Vilém Flusser se limitou a ser o filósofo do seu tempo, a constatar mais cedo do que outros o processo que corria já, célere, para a desintegração de todas ou quase todas as formas culturais, precisamente através da imposição de um modelo único; já que, na perspectiva dos jogos da linguagem, nenhuma é de raiz preferível, justificando-se a opção

pela que, pragmaticamente, ofereça melhores garantias de eficácia. Ao optar pela ponte de D. Carlos, ao eleger a terra de ninguém como pátria, Vilém Flusser obnubilou a auroral revelação que o Brasil lhe proporcionara, reduzindo o português e a *portuguezidade* (como ele, já por certo dividido dentro de si mesmo, se pronuncia) a um dos inumeráveis mundos entre os quais tinha o gosto de ir saltando, não já no vão intento de enganar a morte, mas tão só de se rir dela, seja onde e quando fosse que o esperasse, como naquele imprevisto caminhão branco, numa estrada florestal, às cinco horas da manhã.

Há a sua distância entre compreender e anuir, pelo que, tentando encontrar as razões que moveram ou travaram o percurso de Vilém Flusser, do mesmo passo que dele me distancio nos aspectos que mais o têm celebrizado, saúdo o seu precioso contributo para *o desenvolvimento de uma autêntica filosofia brasileira*, conforme afirma Miguel Reale e eu julgo dever aplicar também à filosofia portuguesa, no pressuposto de que nos irmana o essencial mundo da língua. Isso basta para justificar este encontro que, para além de saldar uma dívida, nos exorta a compreender que a verdadeira universalidade brota das raízes que o espírito lança onde quer, ou seja, para o caso, de aqui e de agora. Por isso, aqui e agora presto homenagem a quem um dia fez brilhar, em termos que permanecem atuais, as virtudes especulativas da língua portuguesa.

Referências:

BRAZ TEIXEIRA, António. *A experiência reflexiva: Estudos sobre o pensamento luso-brasileiro*. Sintra: Zéfiro, 2009.

FLUSSER, Vilém. Ensaio para um estudo do significado ontológico da língua. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, jan./mar. 1962.

REALE, Miguel. Vilém Flusser. In: *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1992. v. 5, p. 884 – 85.

Data de registro: 13/05/2010

Data de aceite: 15/09/2010